

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

UMA ANÁLISE DO NEW DEAL E SUAS IMPLICAÇÕES

Flávio Mariz Braga
Nº de Matrícula 9414981

Orientadora: Maria Gabriela

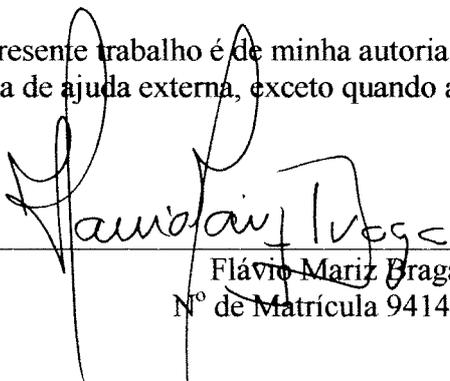
Dezembro de 1999

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

UMA ANÁLISE DO NEW DEAL E SUAS IMPLICAÇÕES

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”.



Flávio Mariz Braga
Nº de Matrícula 9414981

Orientadora: Maria Gabriela

Dezembro de 1999

Agradecimentos: À minha família que proporcionou a oportunidade de estudar nesta conceituada universidade, à meu computador que até agora não me deixou na mão e aos professores.

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor”

ÍNDICE

I. Introdução.....	05
II. Características e desafios do New Deal.....	10
III. O New Deal e agricultura.....	14
IV. Os programas culturais.....	20
V. As conquistas trabalhistas.....	24
VI. Regulando a economia.....	28
VII. Considerações finais.....	32
VIII. Bibliografia.....	35

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 01.....	32
Tabela 02.....	32
Tabela 03.....	33

Capítulo 1 - Introdução:

A Grande depressão e os seus efeitos ao redor do mundo.

Nessa breve introdução tentarei apresentar como o mundo estava no final da década de 20 e início da década de 30. Pois foi exatamente nesse contexto que o New Deal foi desenvolvido pelo então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt. O New Deal foi criado justamente para tentar solucionar os problemas econômicos surgidos naquela época.

Esses problemas, segundo Milton Friedman, foram ocasionados pelos sucessivos erros dos “Policy Makers” nas políticas monetárias. Já para Paul Samuelson, a crise nada mais foi do que mais um resultado da série de acidentes históricos. Ao final deste trabalho tiraremos nossas próprias conclusões sobre o fato.

Quando estudamos a grande depressão não é nada aberrante se escolhermos a primeira grande guerra como ponto de partida. Primeiro de tudo, a guerra fez com que fosse impossível para a Europa manter os níveis de produção antes verificados. Por exemplo, antes da guerra França, Inglaterra e Alemanha contribuíam com cerca de 60% de toda exportação mundial de bens manufaturados. Consequentemente após a guerra esses mercados passaram a ser dominados pelo Japão e pelos americanos

Na agricultura as coisas não funcionavam de maneira melhor. Este era um setor estratégico e empregava muita gente. Ao final da primeira guerra a Europa foi obrigada a importar comida dos americanos. Essas transações não eram feitas a vista, ou seja os Estados Unidos passariam a serem credores dos países, até então, mais industrializados do mundo, situação esta jamais vista na História. Instituições financeiras americanas

buscavam incessantemente gente e órgãos com os quais negócios poderiam ser fechados.

Juntamente com a crescente exportação de produtos agrícolas para a Europa, dois outros fatos foram fundamentais para uma chamada explosão de consumo entre os americanos: primeiro a implantação da produção em série (Henry Ford, o pioneiro), o que possibilitou o máximo uso racional da mão de obra, permitindo aos operários maiores salários, mais tempo livre e aumento dos rendimentos e a não menos importante disponibilidade de crédito, popularização das vendas a prazo.

Foi em meio a essa explosão de consumo que os primeiros grandes conglomerados foram criados, exemplificando, o surgimento da Standard Oil de um dos homens mais ricos do mundo, John Rockefeller, e os grande magazines, como WoolWorth, com 581 sucursais e US\$ 276 milhões em vendas. Os produtores, vendo que existiam compradores do outro lado do Atlântico, hipotecavam suas propriedades em troca de empréstimos bancários a fim de expandir a capacidade produtiva de seus negócios. No entanto, para tentar se reerguer a Europa começou a adotar políticas um tanto quanto protecionistas, isto mais tarde iria ser sentido pelos comerciantes americanos.

Nos grandes centros urbanos, os americanos eram estimulados a aplicar em ações. Em 1929 cerca de 4 milhões de americanos colocavam suas economias na bolsa de valores, mais de 7% da população economicamente ativa do país. Sem mecanismos de controle (a SEC, a comissão de valores mobiliários americana só foi criada em 1933) e com um Federal Reserve inexperiente, os especuladores reinavam absolutos em Wall Street. Sem uma regra bem definida, banqueiros aproveitaram a ocasião para comprar ações sem lastro financeiro.

A riqueza feita em Wall Street era quase que irreal pois se a cotação do papel variasse, não se teria como liquidar a operação. As várias pessoas dispostas a comprar papel faziam com que o preço das ações subissem, criando a cada instante novos milionários. Para ilustrar essa situação cito o exemplo da RCA (empresa de discos), os papéis da companhia em 2 anos passaram de U\$2 para U\$500. Entre agosto de 1921 e setembro de 1929, a bolsa de Nova York acumulou uma valorização de 394% , nada mal para um país que tinha uma inflação de 6% ao ano.

Repleta de economias de muitos americanos, a bolsa de Nova York não resistiu. Os bancos começaram a não honrar seus compromissos e os investidores não conseguiam receber seu dinheiro de volta. A incerteza ocasionou uma corrida para tentar liquidar suas posições. Na chamada “Quinta feira negra” (28 de outubro de 1929), os investidores tentaram se livrar de uma só vez de 16,41 milhões de ações. Conseqüentemente houve uma queda de 12,8% na bolsa de Nova York . No dia seguinte a bolsa caiu mais 11,7%. Entre 29 de outubro e 13 de novembro U\$ 30 bilhões simplesmente sumiram da economia americana.

A circulação de dinheiro na economia americana caiu 31%, a renda real das famílias caiu 36%, gerando crise de crédito e o conseqüente estancamento das vendas a prazo. Seguindo na mesma linha, a demanda se retraiu levando a uma queda na produção e mais dispensa entre os trabalhadores. A taxa de desemprego subiu a patamares exorbitantes de 25%.

Apesar da grave situação o Federal Reserve (FED) não seguiu uma política monetária expansiva o que acarretaria um estímulo na economia devido aos juros baixos, um aumento da base monetária e do papel moeda em circulação. Isto ocorreu porque o mercado de taxas de juros já estava muito baixo, bem menores do que nas

recessões anteriores. Talvez tenha sido esse o motivo pelo qual o FED tenha se equivocado. Uma das críticas que recaíram sobre o FED foi o de não ter em mãos um mecanismo que conseguisse salvar os bancos da corrida bancária que estava acontecendo; seria algo como o tão criticado PROER de nossa recente História. O FED não autorizou uma redução na taxa de juros de empréstimos bancários, levando cerca de 4000 bancos e milhares de tomadores de empréstimos à falência

Seria um tanto quanto injusto somente crucificar o FED pelo o que estava ocorrendo. A chamada Hawley Smoot tariff de 1930 pos os Estados Unidos como um dos países mais protecionistas do mundo. A alíquota para importados era de fato muito alta para a época e retaliações ao governo Hoover (presidente dos EUA) não tardaram a acontecer.

Evidentemente as conseqüências dos países frente a esse problema da depressão não foram as mesmas. A Alemanha, país que já estava com sua economia fraca devido à derrota na primeira guerra, foi obrigada a recorrer à credores estrangeiros e começou a tomar dinheiro emprestado de vários países, entre os quais a França e Inglaterra, para poder tranquilizar e atrair investidores domésticos e estrangeiros. Assim sendo a “armadilha” estava criada, se endividou e ficou com uma economia altamente deficitária.

A economia inglesa não sofreu tanto quanto a alemã mas devido a redução da renda mundial como um todo viu suas exportações declinarem muito, implicando num déficit na balança de pagamentos, já que já vinham importando componentes agrícolas dos norte americanos a alguns anos anteriores.

A França sofreu os impactos da grande depressão um pouco mais tarde, isto porque o franco já estava desvalorizado diante de outras moedas estrangeiras. Contudo, em 1932 os franceses viram suas exportações declinarem tal como as exportações inglesas. A França, ao contrário dos outros países, insistiu em adotar o padrão ouro isso fez com que os efeitos da crise demorasse um pouco mais a acabar. A Inglaterra, por exemplo, ao abandonar o padrão ouro em 1931 obteve algumas vantagens competitivas vis - a - vis aqueles que não o fizeram.

Nos Estados Unidos a crise tomava dimensões incomensuráveis, não havia como absorver todos aqueles que se enquadravam na população economicamente ativa pois as indústrias estavam sucumbindo diante deste quadro. Para piorar a situação a agricultura americana teve excelentes safras nos períodos anteriores mas os produtores não tinham para quem vender, haja visto que a renda mundial havia decrescido bastante. Equivocadamente, o presidente Herbert Hoover convocou uma cadeia nacional de radio e disse que não havia motivo para desespero. Segundo ele “a base da economia estava sólida”. Para Hoover, o governo não deveria ter relações com negócios privados. O presidente não autorizou o empréstimo de nenhum centavo dos cofres públicos para acalmar o mercado. Era o ideal clássico de Adam Smith se fazendo presente na economia americana.

Alguns mecanismos continuavam sendo criados para tentar vencer a crise. No início de 1933 (com Roosevelt), foi criada a comissão de valores mobiliários americana, a SEC (Security and Exchange Commission) e as transações financeiras passaram a ser vigiadas com mais rigor, relatórios empresariais começaram a ser divulgados evitando a arbitragem na cobrança de preços das ações.

Mesmo com todos os esforços Hoover falhou e não conseguiu fazer com que a crise fosse varrida da economia americana, foi então quando em 1933 Franklin Delano Roosevelt foi eleito presidente do país. Em meio a esse caos o New Deal foi criado e desenvolvido. Alguns autores qualificam o New Deal como uma coleção de programas econômicos feitos para estimular diferentes setores da economia. Era a primeira vez que os ideais liberais americanos eram questionados. “Nenhum outro movimento de reformas em âmbito nacional alcançou tamanho sucesso durante a grande depressão”(a New York Times Books, the new deal, pag. 3).

Capítulo 2 – Características e desafios do New Deal

A nação norte americana estava no mais profundo caos quando Roosevelt tornara-se presidente. Havia milhões de pessoas desempregadas, fazendas abandonadas, bancos falindo, a produção industrial era irrisória para um país que a pouco havia se transformado numa potência industrial. O presidente não perdeu tempo, nos primeiros 100 dias de governo trancou-se em seu escritório e começou a idealizar um plano de ação.

A maioria dos autores dividem o New Deal em 2. Um primeiro preocupado com os negócios em si, ou seja, regularizar a situação econômica e levantar os preços de alguns produtos, principalmente os agrícolas. O segundo New Deal seria aquele mais preocupado com os problemas sociais propriamente dito. Note-se portanto que o primeiro tem uma profunda relação com o segundo já que os problemas sociais jamais poderiam ser solucionados se a saúde financeira do país estivesse decrescente. Aqui procurarei tratar o New Deal como um movimento único a não ser que a distinção seja oportuna.

O país vivia uma de suas piores crises e portanto grandes desafios estavam por serem ultrapassados. Em se tratando de economia quase todos problemas já foram descritos anteriormente. O mercado americano estava extremamente concentrado, ou seja possuía uma economia cartelizada, não havia muitos produtores nos diferentes nichos de mercado. Foi desenvolvido então a “National Recovery Administration” (NRA) que atuou de forma a coordenar os mercados através de leis antitruste e contra os cartéis que se formavam.

Como era um setor estratégico da época, a agricultura recebeu atenção especial por parte de Roosevelt. Fazendeiros se encontravam em situação desesperadora. Várias ações foram feitas para melhorar tal situação: “Agricultural Adjustment Act” (AAA), subsídios aos fazendeiros, “Farm Security Administration” (FSA), “Tennessee Valley Authority” (TVA) Resumindo, o dinheiro público foi usado para aumentar a renda dos agricultores e assim alavancar o emprego. Este setor merecerá um capítulo exclusivo posteriormente.

A sociedade americana estava completamente deteriorada. Favelas por todos os lados, escolas superlotadas, estações rodoviárias precárias, hospitais inadequados, guetos negros, camponeses vivendo em condições miseráveis entre outras coisas mais. Houve portanto um esforço do New Deal para estancar o pobreza que já incomodava e muito os americanos. O sistema de seguridade social, o salário mínimo, “public housing” (abrigos para a população de rua), a proibição do trabalho infantil, uma legislação que de alguma forma beneficiava os trabalhadores como um coletivo, foram algumas das formas que New Deal apresentou para melhorar a situação social americana. Estava assim dado um importante passo para o surgimento das idéias que compreendem o “welfare state”.

Vale lembrar que esses programas não foram postos em prática com facilidade uma vez que o ideal americano estava sendo rompido. O fascismo e o comunismo estavam em alta na Europa, isto devido única e exclusivamente ao contexto mundial. Cada país teve diferente reação contra a crise que assolava o mundo, Itália e Alemanha o fascismo e o nazismo, a União Soviética já vinha atuando com a “ditadura do proletariado”, a França adotou um socialismo mais sereno e por aí vai . Roosevelt foi

chamado de tudo, desde fascista a comunista, entretanto numa entrevista a uma rádio disse confiante: “Sou apenas um cristão e um democrata”. Apesar das críticas, todos concordavam que algo precisava ser feito.

Capítulo 3 – O New Deal e a agricultura

Como anteriormente descrito os fazendeiros foram, senão a mais, uma das classes mais prejudicadas com a grande depressão. O New Deal trabalhou no intuito de elevar os preços das commodities agrícolas, regular a produção, e assim restaurar os lucros dos próprios. O plano além destes objetivos tinha outro que era a de tentar adequar os fazendeiros em uma espécie de coletivismo para assim se auto – ajudarem, uma inovação para a época, eles assim se tornariam menos independentes do que antes de 1933.

Durante a primeira guerra mundial os fazendeiros americanos gozaram de prosperidade. O padrão de vida dos produtores rurais era excelente, a produção era grande, a produtividade era alta, e os preços, devido ao fator guerra, também eram elevados. Contudo no anos 20 essa prosperidade começaria a declinar. Os rendimentos da classe que chegou a alcançar US\$ 17 bilhões no final de 1919, ao final dos 20 não chegaria nunca a US\$ 12 bilhões, ou seja uma queda de aproximadamente 30%. Essa queda nos rendimentos em 1921 foi de mais de 52% em 1921 quando eles ficaram em US\$ 9 bilhões. Como consequência óbvia deste problema o poder de compra dos fazendeiro declinou muito. A questão dos baixos preços das commodities agrícolas deveu-se ao : aumento da produção (fruto de um uso cada vez maior de fertilizantes e de uma automação cada vez mais avançada) e a queda na demanda doméstica e internacional. Alguns esforços foram feitos para assim tentar salvar a classe ruralista americana. A agência dos produtores rurais americanos (American Farm Bureau) tentou mas não conseguiu elevar os preços dos produtos.

Mas o pior ainda estaria por vir, quando em 1933 a crise realmente bateu na classe rural. Os rendimentos declinaram para apenas US\$ 5 bilhões, uma queda superior

a 70% se tomarmos por base o início dos anos 20. O algodão que era cotado a 12,4 centavos de dólar por pound entre 1909 e 1914 caiu para somente 5,5 centavos por pound em fevereiro de 1933. O trigo caiu de 88,4 centavos por saca foi para 32,3 centavos. Para piorar a situação os impostos tinham praticamente duplicados desde 1914. Para se dimensionar melhor o problema vividos pelos agricultores, entre 1929 e 1933 os preços dos produtos agrícolas tinham caído 63% e sua produção apenas 6%, enquanto os preços dos produtos industrializados caíram somente 15% e a produção 42% no mesmo período acima citado. Isso acontecia porque as indústrias operavam abaixo de sua capacidade elevando o nível de desemprego, e como consequência clara, o poder de compra da população urbana, os grandes consumidores de produtos agrícolas, declinava fazendo com que a renda dos agricultores caísse cada vez mais.

O sofrimento era intenso na América rural e alguns fazendeiros expressariam suas frustrações e seus ressentimentos em barulhentos, e as vezes violentos protestos. Uma associação conhecida como “Farmers’ Holiday Association” causou um dos maiores transtornos para economia americana na época. A associação promoveu uma greve que começaria em agosto e terminaria somente em novembro de 1932, onde os participantes dificilmente agiam de forma pacífica e o emprego da violência era constante. Essa greve foi causada no intuito de retirar produtos agrícolas do mercado, contudo, não foi suficiente e acabou sucumbindo.

Um economista de Montana State College, M.L. Wilson, começou a apresentar propostas alternativas para solucionar o problema. Roosevelt quando apresentado a Wilson deu total apoio às novas idéias e juntamente com algumas propostas de George Peek, um empresário urbano da época, foi desenvolvido o “Agricultural Adjustment Act” (AAA) naqueles primeiros cem dias de governo Roosevelt, precisamente em maio

de 1933 o ato foi aprovado pelo congresso e posto em vigor. “Cada Fazendeiro podia ser livre em se recusar a participar” (Hamby A . L. , The New Deal, Analysis & Interpretation, Longman NY, pag. 68). O AAA tinha como principais pontos: controle da produção, a participação voluntária dos fazendeiros , subsídios aos produtores rurais, participação dos fazendeiros na administração e nas decisões políticas além da venda do excedente de produção para o mercado externo. O controle da produção causou algumas desavenças entre os economistas da época isto fez com que o AAA fosse transformado em uma agência independente de qualquer secretaria e fosse subordinada somente ao presidente. Mais tarde percebeu-se que o controle de produção emergiu como o método mais eficiente de elevação dos preços.

‘O AAA ajudou os fazendeiros a alcançar os resultados que os industriais alcançaram através de suas organizações. Se os empresários urbanos puderam ajustar sua produção, que mau haveria em usar a força governamental para ajudar os empresários agrícolas a fazerem o mesmo’(Hamby A . L., idem.)? Todavia, os resultados não chegaram de forma rápida, como consequência disto as tensões não tardariam a voltar a ocorrer. Devagar os preços foram retornaram a patamares mais aceitáveis e as tensões diminuídas.

O AAA tratou cada commodity agrícola diferentemente, ou seja, diferenças individuais e regionais de cada fazendeiro foram respeitadas. Com certeza os fazendeiros de Oklahoma, por exemplo, estavam mais preocupados com o preço da arroba do boi do que os da Califórnia, que estavam mais atentos para o preço da laranja. Para Howard Tolley, estudioso da Universidade da Califórnia e que posteriormente aderiu ao órgão que controlava o AAA, “o governo teria que lutar contra aqueles grupos que queriam e pensavam somente no bem estar próprio em detrimento do bem estar da

população como um todo” . Para ele a educação era um instrumento extremamente poderoso pois ao educar os que viviam em áreas rurais, criaria-se um sentimento nacionalista desenvolvido e todos acreditariam que uma nação mais desenvolvida seria melhor para todos, sem exceção. Uma nova regra para o AAA foi imposta em 1935, quando foram chamados alguns oficiais para trabalhar no controle do ato. A que gerou mais controvérsia foi a que procurou implantar nos EUA o método de conservação dos solos. A adoção deste método por todo o país ocasionaria uma produção em linha e faria com que alguns produtos se tornassem escassos. As novas medidas desagradaram Tolley e fizeram com que ele se desligasse do governo e voltasse para UC.

Foi criado o serviço de conservação dos solos (Soil Conservation Service - SCS), mais uma agência envolvida neste trabalho. O SCS trabalhou juntamente, com os fazendeiros, contra o problema da erosão. Talvez fosse o primeiro movimento a ter causas ambientais como proposta principal.

A mídia da época dizia que os ‘gastos promovidos pelo New Deal no AAA não eram direcionadas para a cura da pobreza que viviam alguns pequenos fazendeiros mas que em compensação os grandes latifundiários da época estavam, cada mais, aumentando suas rendas’. Não tardou e o AAA foi declarado inconstitucional pela suprema corte em 1936.

Em 1933 foi desenvolvido o “Farm Credit Association” (FCA) este programa consistia em liberar empréstimos a fazendeiros que estivessem com suas propriedades hipotecadas e estas estivessem por vencer. Deu crédito a 40% dos fazendeiros que estavam nesta situação. O mais atraente eram as taxas de juros cobradas , 2,25% ao ano. O ano de 1933 produziu ainda o “Civilian Conservation Corp” (CCC) que pretendia

acabar com o desemprego rural dos jovens. Direcionou jovens que viviam em áreas rurais para o exército americano ou para obras que estavam sendo produzidas.

Surgiu, em 1937, o “Farm Security Act” (FSA) que tinha como principais pontos dar empréstimos aos locatários que viviam no campo e que não tinham como comprar e montar uma pequena fazenda, promover empréstimos aos interessados em aprimorar suas técnicas de consumo, subsidiar pessoas que estivessem dispostas a promover e ajudar trabalhadores migrantes e, além desses pontos, o FSA queria fazer uma experiência no sentido de criar cooperativas de fazendeiros em determinadas comunidades (Zinn H., *New Deal Thought*, Boston University, 1966, pag. 251) . Refletindo as tradições agrárias existentes que versavam que a produção familiar era tão eficiente quanto aqueles que muito produziam. Apesar do esforço o FSA teve importância relevante somente em pequena parte do sul dos EUA, uma vez que lá estavam os que realmente precisavam de ajuda. “Direcionar o FSA para a luta contra a pobreza e a ignorância rural foi ajustar os esforços para que o ideal de democracia se torna uma realidade democrática” (Hamby. *Idem*. Pag. 76). Mas o programa não atingiu a dimensão esperada e logo não resistiu ao tempo.

O que aconteceu posteriormente foi o fato de que subsidiar agricultores e pecuaristas começou a despertar ciúmes em outras classes existentes na época. Muitas críticas surgiram. Os fazendeiros aos poucos foram se reestruturando através da regulação da produção e da matança de animais que seriam comercializados. “Seus rendimentos em menos de 3 anos haviam aumentado em cerca de 50%”(Louchheim K., *The Making of the New Deal*, Harvard University Press, 1983, pag. 23).

Em 1938 tentaram sem muito sucesso uma segunda edição do AAA mas não demorou muito e ela foi logo esquecida. O que de fato ocorreu com o New Deal e sua

administração agrícola foi uma revolucionária mudança na condução da política agrícola do país que, no entanto, em nenhum momento promoveu uma mudança social brusca, uma vez que nem mesmo o FSA atingiu as expectativas e a pobreza rural continuou grande.

A minha opinião sobre este tema não difere muito da crítica desenvolvida pela mídia americana da época. O AAA teve um caráter muito paternalista uma vez que sempre passava a mão na cabeça dos fazendeiros. Mesmo com a economia agrícola voltando a se normalizar, o governo federal não conseguia fazer com que os subsídios para o controle da produção fosse cortado. Isso é verificado porque um dos pontos principais do primeiro AAA foi exatamente fazer com que alguns “ruralistas” fossem fazer parte da condução da política agrícola e da administração pública. Já o FSA foi um projeto voltado muito mais para os problemas sociais e que não atingiu penetração ninguém sabe direito porque. Ou dá para imaginar que uma nação como a americana, tipicamente capitalista selvagem, iria privilegiar alguém sem dinheiro?

Capítulo 4 – Os Programas Culturais

De acordo com artigos desenvolvidos pelos historiadores Don Adams e Arlene Goldbard, artigos retirados de páginas da Web de algumas universidades americanas, a principal preocupação dos programas culturais desenvolvidos por Roosevelt foi absorver a mão de obra dos milhares de artistas que estavam sem nenhum tipo de perspectiva. Para ilustrar a situação dos artistas americanos alguns dados nos são fornecidos. Antes da crise, 70 milhões de entradas de cinema eram vendidas no período de 1 semana, com a crise esse número caiu para 1/7 do valor acima descrito. Antes de 1930 um teatro de Nova York fazia uma média de 40 a 50 shows semanais, em 1934 o mesmo teatro produzia apenas 3 shows no mesmo espaço de tempo.

O grande responsável pela criação e sugestão da adoção desse tipo de política foi George Biddle. Colega de classe de Roosevelt quando cursavam a escola, Biddle escreveu a Roosevelt no início de 1933, sugerindo para que alguns artistas plásticos, que passavam dificuldades, pudessem fazer a reforma do prédio do departamento de justiça de Washington D.C. Roosevelt gostou da idéia e do resultado da operação que logo chamou Biddle para desenvolver um programa mais extenso que passaria a se chamar: Public Works of Art Project (PWAP).

O PWAP passaria a fazer parte de um grande projeto que foi adotado na época denominado Civil Works Administration (CWA) e que veremos com mais calma num dos próximos capítulos. O projeto para os artistas tinha como primeiro objetivo restaurar e embelezar obras públicas tais como: escolas, orfanatos, bibliotecas, museus e qualquer tipo de construção que fosse pública e que precisasse de alguma coisa. O projeto, no entanto, não teve uma longa duração e quando em abril 1934 o CWA terminou, ele também encerrou suas atividades. Apesar de sua curta duração o PWAP

chegou a empregar mais de 33.000 artistas. Outro curto projeto desenvolvido por Roosevelt foi estabelecido em 1933, Federal Emergency Relief Administration (FERA), esse projeto concedeu a artistas teatrais subsídios para que eles assim se apresentassem em algumas das principais cidades. Esse projeto também não foi além de 1934.

Edward Bruce foi nomeado uma espécie de ministro da cultura da época e logo apresentou uma primeira proposta. Um por cento do valor de toda obra pública construída (exclui-se pontes, ferrovias..) teria que ser destinado à compra de obras de artes que pintores e escultores desempregados criavam. Esse ato beneficiou por volta de 15.000 pessoas e teve um montante total de US\$ 530.000.

O maior e mais expressivo movimento cultural promovido pelo New Deal nasceria na primavera de 1935, no início do “segundo New Deal” (como ficou conhecido o segundo conjunto de medidas criado por Roosevelt). Harry Hopkins, muitos o citam como principal conselheiro do presidente, foi o idealizador do projeto conhecido como “Work Progress Administration” (WPA). O projeto é mais amplo e não ficou restrito às artes mas neste capítulo tratarei especificamente desse tópico.

O projeto foi logo dividido em 5 principais agências: uma para cuidar especificamente da música, outra do teatro, outra da leitura, outra para história e mais uma para cuidar de pinturas, esculturas e demais. Para cada agência um diretor nacional foi nomeado. Este projeto denominado de “Federal One” foi, dentre todos na História norte-americana, o único que não mediu esforços e conseguiu atingir suas grandes metas culturais. O projeto foi muito mais do que simplesmente subsidiar ou prover dinheiro a essas pessoas ligadas às artes. ‘Acreditamos que o teatro e outras artes sejam mais do que um simples empreendimento privado, também é dever e interesse do Estado transformá-las em uma força social e educacional’, certa vez disse Hopkins. Cada

agência tornara-se uma “inventora” de programas culturais. Os projetos foram desenvolvidos em todos os lugares onde haviam artistas desempregados.

Os componentes dos projetos:

O projeto para pintores e escultores; em seu auge (1936) empregou mais de 5.300 artistas visuais e profissionais relacionados a essa agência. Produziu mais que 2.500 murais pintados para hospitais, escolas e etc., próximo de 108.000 pinturas, cerca de 18.000 peças de escultura, workshops de artes gráficas. Centenas de professores de artes foram contratados para lecionar em todos os tipos de comunidades , mais de 100 centros de artes foram desenvolvidos em 22 estados americanos. Alguns centros existem até os dias atuais. Muitos artistas hoje famosos fizeram parte desse projeto, Jacob Laurence, Philip Guston e Mark Tobey foram alguns deles

O projeto para a música; empregou perto de 16.000 músicos em seu auge, ele criou orquestras, criou grupos de música. Tiveram corais e óperas que corriam todo o país patrocinados pelo projeto, forneceu músicos para bandas como as das forças armadas. Além do que o projeto ministrou classes em áreas rurais e para pessoas que jamais teriam a oportunidade de estudar e aprender música. Em 1939 estima-se que por volta de 132.000 pessoas, entre crianças e adultos, tenham recebido aulas. O Folk e o Blues se difundiriam exatamente nessa época e não seria por acaso.

O projeto para o teatro; empregou em seu pico 12.700 trabalhadores, estabeleceu-se em mais de 31 estados, muitos grupos de teatro foram criados. O projeto acabou produzindo alguns astros de Hollywood tais como: Burt Lancaster, E.G. Marshall, Nicholas Ray entre outros.

O projeto para escritores; empregou em seu pico mais de 6.686 escritores em abril de 1936. Estabeleceu-se em mais de 48 estados e produziu mais 3,5 milhões de cópias escritas.

O projeto para historiadores; foi o de menor dimensão mais ao mesmo tempo criou um belo acervo histórico para as bibliotecas públicas.

Podemos observar que mais uma vez Roosevelt com esses planos tentava fazer com que o país pudesse sair da crise o mais rápido possível. Para isso não mediu esforços (leia-se dinheiro), assim sendo o dispêndio de dinheiro público continuava sendo a melhor forma, segundo ele, de solucionar essa difícil questão. As idéias Keynesianas estavam sendo postas à prova logo nos seu primeiros anos de vida. Como veremos em seguida os gastos públicos não se resumiam só para programas culturais.

Capítulo 5 – As conquistas trabalhistas

Erra quem pensa que o New Deal foi somente um conjunto de medidas voltadas somente para a melhoria das condições econômicas da época. É bem verdade que se a economia anda bem, as causas sociais têm uma grande probabilidade de andarem lado a lado com e a economia. Entretanto o New Deal foi além e fez com que a sociedade americana ganhasse ares mais humanos e assim a relação sempre contraditória e antagonica, capital e trabalho, fosse mais justa e respeitada por ambos os lados.

Em 1935, Robert F. Wagner , senador democrata eleito pelo Estado de Nova York , consegue fazer com que o congresso e o senado americano aprovassem um conjunto de medidas que revolucionaria a relação de empregado com empregador. Esse conjunto de medidas passaria a ser conhecido por “Wagner Act” mas que formalmente possuía a denominação de “National Labor Relations Board” (NLRB) . “O NLRB era uma agência federal independente criado pelo congresso americano que tinha como objetivo administrar e fazer cumprir as leis do National Labor Relations Act, leis primárias que buscavam policiar as relações entre sindicato e patrão no setor privado,” (Derber M., Labor and The New Deal, NY, Dacapo Press, pag. 35).

Os patrões eram obrigados a obedecer as leis vigentes caso contrário eles eram impedidos de exercer sua atividade. Genericamente aplicado a todos os tipos de atividades comerciais.

O NLRB visitava diversas empresas certificando se os trabalhadores não estavam engajados em trabalhos injustos ou sob condições desumanas. Determinava, através de eleições diretas entre os trabalhadores, quem seriam os representantes da classe em cada empresa. Cada Estado americano possuía uma agência com a qual todos os

sindicatos poderiam recorrer se necessário. Quando algum tipo de violação das novas leis era praticada o NLRB era acionado e assim uma sindicância era criada para apurar os fatos. Buscava-se então um entendimento entre as duas partes. Se não houvesse acordo, uma reclamação formal deveria ser encaminhada à corte americana, afinal uma lei não estava sendo cumprida. Após a implementação da NLRB, eram feitas mais de 35.000 reclamações anuais para a agência, aproximadamente 35% eram reclamações fundadas e dessas 90% eram solucionadas.

As principais conquistas trabalhistas existentes no NLRA foram as seguintes: dar o direito aos trabalhadores de negociar com os empregadores, permitir que os trabalhadores se organizassem, dar suporte aos membros dos sindicatos, direito de greve e outras mais.

O poder de negociação dos empregados logo foi sentido, em 1937 os salários médios haviam subido de forma substancial. Exemplificando: em Chicago, entre novembro 1936 e maio de 1937, trabalhadores da indústria siderúrgica fizeram com que seus salários subissem de 47 centavos/hora para 62,5 centavos/hora, um aumento de quase 33% em 7 meses. Trabalhadores do setor de celulose, conseguiram passar seus salários de 69,8 centavos/hora para 76,8 centavos/hora, cerca de 10%, os do setor automotivo acumulariam ganhos de 16,3%. Alguns sindicatos conseguiram mudar até a carga horária de trabalho como foi o caso dos metalúrgicos.

Nem sempre os sindicatos saíam vitoriosos, afinal a economia não estava completamente sã. O caso da Philco me parece ser um bom exemplo para ser citado. Como a economia ainda estava recessiva haviam muitos desempregados, assim sendo fazer com que os salários subam numa recessão é um tanto contraditório já que se o salário está baixo para uns estaria muito bom para aqueles que nem isso tinham. Foi o

que aconteceu com a Philco, os diretores da empresa afirmaram que haveria uma redução salarial de 15% para todos, logicamente os trabalhadores não aceitaram, tentaram negociar e nada conseguiram, iniciou-se uma greve que duraria 4 meses, ao final destes meses os trabalhadores sentirão que não haveria outra solução se não voltar a trabalhar pois já não tinham mais o que comer e nem onde arrumar dinheiro; vitória do empresariado.

Outras importantes conquistas sociais desta época vieram por meio do “Social Security Act”. Foram criados o seguro desemprego, seguro para as pessoas que estivessem em idade de se aposentar – uma pensão aos mais idosos, forneceu pensões a pessoas dependentes e deficientes físicos. Resumindo, o Social Security Act foi um programa para proteger os trabalhadores e suas famílias de perdas de rendimentos que vinham associadas à velhice, doenças, desemprego e morte da pessoa que fornecia a renda familiar. Sem dúvidas foi um dos mais bem quistos e admirados programas desenvolvidos na administração Roosevelt.

Não poderia de deixar de citar ainda o “Fair Labor Standards Act” (FLSA), este foi um programa onde ficaram estabelecidos o salário mínimo, a carga máxima de trabalho e o que foi mais importante, impediu que qualquer criança fosse posta para trabalhar ao invés de ir para a escola.

Minha conclusão sobre este capítulo não deve divergir da maioria das pessoas que tomam conhecimento sobre este tema. Diante de um quadro completamente desfavorável ao trabalhador, onde o desemprego era altíssimo e as condições de trabalho praticamente inexistentes este foi um verdadeiro “gol de placa” da administração Roosevelt. Pensar coletivamente e principalmente nos que mais necessitavam na época foi mudar radicalmente uma sociedade que estava

Capítulo 6 – Regulando a economia

O setor financeiro americano sofreu fortes mudanças durante a implantação do New Deal. Para iniciar nossa discussão o primeiro ato do presidente: tão logo assumiu Roosevelt implantou o que convencionou-se chamar de “feriado bancário”. No dia 6 de março de 1933, todos os bancos foram fechados. Após o fechamento cada banco sofreu forte investigação do governo para saber se estavam com boa saúde financeira. Se a investigação dissesse que o banco estava bem, ele era autorizado a ser reaberto, caso contrário o banco seria liquidado. Os bancos que foram autorizados a serem reabertos possuíam mais uma obrigação, eles seriam obrigados a depositar uma determinada quantia nos cofres do governo americano como uma espécie de seguro bancário, estaria assim os EUA implantando em sua economia o que hoje na nossa é chamado de encaixe compulsório. Estas medidas restabeleceram a confiança do público no setor bancário, pois anteriormente o público haviam perdido muito dinheiro com a quebra de 1929. Após a investigação concluiu-se que 1/3 dos bancos não estava bem. Se esta medida não tivesse sido tomada em pouco tempo poderia haver uma quebra generalizada do setor, uma vez que o efeito dominó poderia se fazer presente.

A comissão de valores mobiliários americana (Security and Exchange Commission – SEC) seria criada também no início de 1933. Esse mecanismo tinha por intuito “vigiar de perto as transações ocorridas nas bolsas de valores e proibir a manipulação dos preços”(Louchheim K., *The Making of the New Deal – The insiders speak*, Harvard University Press, 1983, pag. 140) das ações. Todas as companhias cotadas em bolsa eram obrigadas a divulgar regularmente boletins e resultados do período. Com essas medidas a arbitragem nos preços das cotações estariam fadados a terminar.

Outra relevante medida tomada em 1933 foi o abandono do padrão ouro por parte dos EUA. Essa medida foi tomada pois assim o presidente poderia fazer políticas monetárias mais variáveis. A adoção do padrão ouro impedia que a política monetária variasse muito pois, a emissão de moeda estava atrelada ao metal.

Medidas de suma importância foram desenvolvidas para o aquecimento da economia. A indústria também teria o seu AAA, chamaria-se “National Industrial Recovery Act”. De suma importância para o bom desempenho da economia americana. Foi desenvolvida uma lei que estabelecia um código de justiça nos negócios e impedia a competição imperfeita. Roosevelt com essa medida queria acabar com o monopólio que estava instaurado em alguns setores da economia americana. O pequeno industrial deveria se protegido pela políticas predatórias desenvolvidas pelo monopolistas. Leis anti – trust também foram criadas.

Com a aprovação do presidente os preços dos produtos industriais, assim como os dos produtos agrícolas, também seriam regulados de forma a aumentar a renda dos industriais. Os salários dos trabalhadores também seriam regulados, acontece que quando os salários nominais subiam, os salários reais permaneciam constantes, dado que os preços subiriam com os aumentos de salário.

Os resultados do NIRA não foram os esperados. A produção era muito exagerada a demanda muito baixa, portanto as tentativas de aumento de preço dos produtos falhou. Algumas empresas começariam a violar o código de ética, que muitos achariam extremamente rígido e em 1935 o NIRA foi declarado inconstitucional pela suprema corte americana.

O governo não mediu esforços para acabar com o desemprego que assolava e incomodava muita gente. Vários programas foram criados para absorver a mão de obra ociosa. Os 2 maiores projetos foram: “Public Work Administration”(PWA) e o “Works Progress Administration” ,que na verdade tinham a mesma filosofia, a de deslocar os desempregados para obras públicas, a diferença era que no PWA o dinheiro era cedido ao setor privado e este era repassado aos trabalhadores que se dispusessem a trabalhar em obras que seriam promovidas . O PWA empregou aproximadamente 650.000 pessoas. Construía-se de tudo, escolas, aeroportos, rodovias, ferrovias, portos, pontes, bibliotecas, playgrounds, hospitais e por aí vai. No PWA foram gastos aproximadamente US\$ 6 bilhões.

O WPA do alto de seu gigantismo beneficiou mais de 8 milhões de pessoas e foram gastos mais de US\$ 11 bilhões. O saldo total destes dois projetos foi: 650.000 milhas de rodovias construídas, 30.000 escolas, 2.500 hospitais, 3.700 áreas de recreação, toda malha ferroviária dos EUA estava construída, 800 aeroportos e um total de 125.000 construções públicas. Ou seja toda a estrutura para que um país desenvolva estava pronta.

O “Tennessee Valley Authority” foi outro grande ponto do empreendimento público americano. O programa consistia em melhor aproveitar o que o rio Tennessee oferecia. Hidrelétricas foram construídas levando aos fazendeiros da região luz elétrica mais barata. Houve um intenso estudo para que o desenvolvimento do controle de enchentes e inundações causados pelo rio fossem sanados, um plano de reflorestamento da área evitando assim a erosão dos solos. Obras tornariam o rio Tennessee navegável, mais uma excelente medida para os fazendeiros que poderiam escoar sua produção

Percebemos logo que o TVA foi mais um plano que acabou por beneficiar os produtores rurais, mas que no entanto, não ficou preso somente a isso. Construir hidrelétrica fez com que muitos trabalhadores fossem para lá deslocados evitando um pouco o problema do desemprego urbano. Durante o New Deal mais 7 pequenos TVAs foram desenvolvidos em outros Estados americanos, o programa chamava-se “Rural Electric Administration” e tinha os mesmos objetivos no primeiro TVA. Ao término destes programas 288.000 famílias haviam sido beneficiadas. O primeiro TVA existe até hoje.

Capítulo 7 – Considerações finais

Algumas tabelas serão usadas para melhor interpretação e conclusão deste trabalho:

Tabela 1

Ano	Governo Total (%)		Governo Federal (%)	
	Despesas/PN B	Superavit Real/PNB	Despesas/PN B	Superávit Total/PNB
1929	10,0	1	2,5	1,2
1930	12,3	-0,3	3,1	0,3
1931	16,4	-3,8	5,5	-2,8
1932	18,3	-3,1	5,5	-2,6
1933	19,2	-2,5	7,2	-2,3
1934	19,8	-3,7	9,8	-4,4
1935	18,6	-2,8	9	-3,6
1936	19,5	-3,8	10,5	-4,4
1937	16,6	0,3	8,2	0,4
1938	19,8	-2,1	10,2	-2,5
1939	19,4	-2,4	9,8	-2,4

Fonte: Internet

Tabela 2

Ano	PNB \$ Bilhões	Gastos \$ Bilhões	Desemprego	Invest./ PNB (%)
1929	314,7	40,9	3,2	17,8
1930	270,1	44,6	8,7	13,5
1931	263,3	46,2	15,9	9
1932	226,8	44	23,6	3,5
1933	222,1	42,8	24,9	3,8
1934	239,4	48,7	21,7	5,5
1935	260,8	49,8	20,1	9,2
1936	296,1	58,5	16,9	10,9
1937	309,8	56,3	14,3	12,8
1938	297,1	61,3	19	8,1
1939	319,7	63,8	17,2	10,5

Fonte: Internet

Alguns indicadores macroeconômicos podem ser melhor visualizados por estas tabelas. Vimos logo que Roosevelt em sua administração não mediu esforços (dinheiro) para que seus objetivos fossem alcançados. Na regressão abaixo a variável dependente se refere ao PIB americano nos anos correspondentes a administração Roosevelt e ao final da de Hoover. A variável independente refere-se aos dispêndio total do governo. Percebe-se, através da regressão que cerca de 40% da variação PIB americano é explicado pelo gasto total do governo. Um crescimento do PIB significa um maior nível de atividade e assim o nível de desemprego tenderia a diminuir como visto na tabela 2.

Tabela 3.

Dependent Variable: PIB
 Method: Least Squares
 Date: 16/11/99 Time: 00:47
 Sample: 1929 1939
 Included observations: 11
 PIB=C(1)+C(2)*GASTOS

	Coefficient	Std. Error	t-Statistic	Prob.
C(1)	2094.509	280.5390	7.466019	0.0000
C(2)	1.383993	0.567096	2.440490	0.0373
R-squared	0.398235	Mean dependent var		2745.364
Adjusted R-squared	0.331372	S.D. dependent var		353.1009
S.E. of regression	288.7295	Akaike info criterion		14.33182
Sum squared resid	750282.7	Schwarz criterion		14.40417

Para que isso ocorresse verifica-se pela tabela 1 que o déficit real da economia americana sobe bastante. Como tudo em economia, existiu um trade-off entre déficit e desemprego.

Muitas críticas ainda sim são feitas para o New Deal. Uma delas é a de que ele foi um programa altamente discriminatório onde, os negros, por exemplo enquanto participantes do movimento contra o desemprego, recebiam salários menores e

condições de trabalho piores. O mesmo pôde ser observado para as mulheres. Deportou hispânicos e marginalizava os sindicatos asiáticos e latinos no NLRB.

Apesar de todas as críticas atribuídas, Roosevelt, não se sabe se consciente ou inconscientemente, “aparelhou” os EUA (através de portos, ferrovias, rodovias, escolas..) para que os EUA fossem hoje o que são. Enquanto outros países buscavam soluções em outros tipos de movimentos como o fascismo e nazismo, que mais tarde resultaria em guerra, o New Deal com muita criatividade buscava acabar com todos os problemas gerados pela depressão. Muitos consideram o New Deal a mais rica época da História econômica americana. Mesmo não sendo economista Roosevelt acabou pondo em prática idéias recém surgidas nas principais escolas de economia da Inglaterra. Mesmo antes de ser publicada em 1936, a teoria geral de Keynes estava vigorando nos EUA desde 1933. Seria esse período o momento em que as idéias Keynesianas foram certamente testadas?

Bibliografia:

Hoover, Herbert "American ideals versus the New Deal". St. Clair Shares : Scholarly press,1972

Bingham, Alfred "Challenge to the new deal" . Freeport: NY Books for libraries,1976

Mitchell, Broadus "Depression decade from new era through new deal". NY: Reinhart,1964

Rosenaf, Theodore "Dogma , depression, and the new deal" . NY : kennikat press,1954

Sternsher, Bernard "The New Deal : Laissez Faire to socialism". St. Louis , MO: Forum press,1979

Hamby, Alonzo "the New Deal analysis and interpretation". NY: longman,1981

Hoy, Dean L "From New Deal to New economics : the liberal response to the recession"

The NY Times Books "The New Deal": New York,1969

Zinn, Howard "New Deal Thought" . Indianapolis : Bobbs- Merril,1966

Louchheim, Katie "The making of the new deal: Insiders speak". Cambridge , Mass: Harvard University,1983

Derber, Milton "Labor and the new deal". NY: Dacapo press

Faulkner, Harold Underwood "The decline of Laissez Faire". NY: Rinehart

Kidleberger, Charles "The World in Depression, 1929 – 1939"

Stevenson, D. K., "American Life and Institutions, Stuttgart, Ernst Klett, 1987